



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

CIÊNCIAS NATURAIS

**O Interesse de Alunos do Sétimo Ano do Ensino
Fundamental pelas Ciências Naturais**

AUTORA: Joyce da Luz Brito

ORIENTADORA: Jeane Cristina Gomes Rotta

Planaltina - DF
Novembro de 2018



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

CIÊNCIAS NATURAIS

**O Interesse de Alunos do Sétimo Ano do Ensino
Fundamental pelas Ciências Naturais**

AUTORA: Joyce da Luz Brito

ORIENTADORA: Jeane Cristina Gomes Rotta

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciado do Curso de Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação da Profa. Dra. Jeane Cristina Gomes Rotta.

AGRADECIMENTOS

A professora Jeane, pela orientação, apoio e confiança, pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho, pelas suas correções e incentivos.

Agradeço a minha mãe Elidinalva, que me deu apoio e amor sempre. Ao meu pai que sempre me fortaleceu e sempre acreditou no meu potencial.

Ao meu namorado Maycon, que esteve ao meu lado durante todos os meses de elaboração desse trabalho e que teve paciência nos momentos de aflição e crises de estresse.

Agradeço à toda minha família, amigos, professores, e pessoas que ajudaram na realização desse trabalho. Sou imensamente grata pela paciência e incentivo.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, Dália, Mariana, Pedro, Renata Lima, Renata Felix, Rodrigo e Thalia. Muito obrigada, amo vocês!

Resumo

Pesquisas indicam que os alunos muitas vezes não têm interesse pelos conteúdos de Ciências Naturais. Nesse contexto, o presente trabalho teve por objetivo analisar as principais dificuldades para o interesse de alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental pelas Ciências Naturais. Desta forma, foi realizada uma pesquisa qualitativa que constou em uma entrevista com uma professora de Ciências Naturais e com estudantes de uma mesma turma do 7º ano do Ensino Fundamental. As entrevistas foram norteadas com base em um questionário contendo perguntas abertas apoiadas em artigos na área da educação. Os dados permitem discutir as experiências entre os alunos e a professora nos momentos de aprendizagem e como essas influenciam o interesse dos estudantes.

Palavras-chave: Ensino de Ciências. Interesse. Ensino Fundamental.

Introdução:

Atualmente, a quantidade de alunos que apresentam um baixo desempenho escolar tem crescido substancialmente. Isto pode levar vários dos alunos a perderem o interesse pelo ambiente escolar, gerando um meio de instabilidade e o declínio da autoestima, além de conduzir a repetência e a evasão escolar (MAZER; BELLO; BAZON, 2009).

Boruchovitch (1999, p.7), relata que a repetência é um indicativo relacionado a evasão escolar, no entanto algumas políticas governamentais relacionadas à promoção dos alunos têm mostrado que isso não resulta em uma aprendizagem adequada dos alunos (SOUZA, 2007; SOARES, 2015).

Apesar do avanço na educação e a inclusão de didáticas atuais, até então, essas mudanças parecem não ser suficientes. Assim como, a ausência de comunicação da aula teórica com a prática no cotidiano dos alunos ainda é constante, o que pode dificultar o estímulo pelas aulas e estabelecendo uma barreira na relação entre professor e aluno (MAZER; BELLO; BAZON, 2009).

Ao identificarmos as dificuldades de aprendizado dos alunos, poderemos criar metodologias para minimizar a sua falta de interesse para aprenderem e frequentarem a escola, levando assim à diminuição da repetência gerados pela carência de incentivo em sala de aula pelos professores, ausência de vocabulário mais compreensível ao aluno e a falta de estratégias de aprendizagem (SOUZA, 2007).

Os conteúdos de Ciências Naturais do sétimo ano definidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), são Botânica e Zoologia, inseridos no bloco temático Ambiente, os conteúdos são estruturados em blocos temáticos para não serem apresentados como temas separados. Muitos alunos enfrentam suas principais

dificuldades relacionadas à disciplina de Ciências Naturais nessa etapa do Ensino Fundamental devido ao conteúdo ser inédito e não familiarizado à eles em seu cotidiano, pois é nessa fase que são apresentados por exemplo, os conteúdos de vírus e bactérias, que em seu dia a dia não são vistos de forma tão clara e direta, além de fungos e animais invertebrados.

Escolas com elevados números de repetência e evasão escolar acabam sendo consideradas como responsáveis pelo ensino de baixa qualidade, indicando que a escola poderia ser o principal agente do sucesso ou fracasso dos alunos (SCHIEFELBEIN; SIMMONS, 1980). Para Neves e Talim (2009) a maneira como os processos cognitivos e afetivos envolvidos na relação de como os estudantes se apropriam dos conhecimentos científicos está sendo enfatizado nos últimos anos. Isso tem auxiliado na compreensão dos processamentos da aprendizagem em estudantes adolescentes.

É preciso ter atenção aos motivos que estão acarretando esses problemas, para serem estudadas maneiras de se solucionarem e atingir a melhoria, não só na disciplina de Ciências Naturais, mas também em outras, enfatizando mais uma vez na importância para esse estudo, pois tanto os alunos quanto os professores, acabam por se prejudicar e afetar a escola (SOUZA, 2007).

Portanto, essa pesquisa tem como objetivo conhecer as principais dificuldades para o interesse de alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental pelas Ciências Naturais.

Fundamentação Teórica

A trajetória do Brasil no século XVI não pode ser desassociada dos eventos da Europa. No Brasil, a busca por metais preciosos requisitava tempo, assim, a extração se limitou ao Pau Brasil e apenas em 1530 aconteceu a colonização. A economia colonial se desenvolveu ao redor do engenho de açúcar, e o senhorio das terras utilizava o

trabalho escravo, a princípio com os índios e, em seguida dos negros africanos (PAIVA, 2002).

Nessas circunstâncias, a educação não era o objetivo principal, visto que não existia a obrigação de educação para a ação de trabalhos na agricultura. Entretanto, a capital europeia mandava fiéis para o encargo missionário e educativo, com o intuito de catequizar os índios e evitar que os colonos se afastassem da religião católica. “Na Bahia de Todos os Santos os religiosos edificaram o primeiro colégio, o Colégio dos Meninos de Jesus.” (PAIVA, 2002, p. 4).

O trabalho missionário auxiliou no poder da coroa sobre a colônia, dessa forma, a educação apresentava uma conduta de ferramenta e artifício colonizador. No Brasil, os jesuítas se dedicavam na prática educativa, que intitulavam de catequização para redimir os índios concedendo os ensinamentos bíblicos, as doutrinas da igreja e as normas da coroa como expressa Paiva (2002, p. 5)

[...] os jesuítas prestaram um inestimável trabalho à Coroa, quanto ao sentido de doutrinação e formação de costumes. Transcorrido o tempo necessário para a devida instalação, expansão e fortalecimento, a Ordem deixou de focar sua atenção apenas na catequização dos silvícolas e ampliou sua clientela para os filhos dos senhores de engenho, filhos de funcionários e manufatureiros.

Em 1759 os jesuítas são expulsos de Portugal e de quaisquer das suas colônias e o governo português assume a responsabilidade de gerenciar a educação, a qual era vista como importância do estado e não mais da igreja. O método de controle escolar no tempo Pombalino foi notado pela intervenção do estado na educação, decorrendo da fundação de um sistema nacional de educação (PAIVA, 2002).

O desenvolvimento de predomínio da língua portuguesa começou em 1854, essa predominância da língua fez o homem indígena perder a sua identidade. De acordo com Mayer, Paula, Santos e Araújo (2013, p.5)

Desde o início da história da educação a uma busca constante pelos métodos didáticos para inovação do conhecimento, que se intensificou a partir dos primeiros anos da República. E com a chegada do período de

1930 até 1960, houve um momento crucial na educação, pois neste período surgiu o Ministério da Educação e Saúde Pública [...]

O ensino de ciências era presente somente nas duas últimas séries do antigo ginásio, até o final da década de 1950. O ensino de ciências estabeleceu-se obrigatoriamente nas oito séries do primeiro grau somente quando foi decretada a lei 5.692 em 1971 (MAYER et al, 2013)

Desde os anos de 1950, o ensino de ciências foi expandido em um padrão convencional e arcaico, no qual o professor ensina as matérias, utilizando uma metodologia de aula expositiva e teórica, baseado em livros didáticos e informações apresentadas nesses livros, ignorando a bagagem de conhecimento dos alunos.

O ensino de ciências percorreu três caminhos: Técnico, Escola Nova e Ciências Integradas. Essas tendências afetaram professores e livros didáticos comercialmente feitos que recentemente se instalam como ferramenta principal dos professores (PEREIRA, 2008, p. 2).

[...] O aluno tem direito a um saber científico, não somente dos conteúdos sistematizados através de programas de ensino, livros didáticos, preferências do professor por este ou aquele conteúdo, esta ou aquela prática, mas um saber que lhe oportunize opinar, problematizar, agir, interagir, entendendo que o conhecimento adquirido, não é definitivo, absoluto.

Nesse contexto, um dos assuntos que constantemente vem sendo muito debatido por pesquisadores na área da educação (BORUCHOVITCH, 1999; PEREIRA, 2008; SOARES, 2015; SOUZA, 2007) é a frustração e as dificuldades no aprendizado percebido nos alunos nas disciplinas de ciências naturais, quais as razões dessas dificuldades. Quais seriam os impactos causados por esse impasse na vida dos alunos é um problema preocupante com o qual a educação no Brasil lida há anos.

Segundo Abreu, Alves, Sobreira e Martins (2015), podem ser vários os fatores relacionados ao fracasso escolar. Muitas vezes, na visão dos professores isso é devido ao desinteresse dos alunos e dos pais que não estão presentes na vida escolar do aluno. Entretanto, na perspectiva dos pais, os responsáveis são o sistema escolar e os

professores. Nesse contexto, os alunos poderão levar para vida a insegurança e a certeza de não conseguirem progredir.

Para Mazer, Bello e Bazon (2009) as dificuldades de aprendizagem das crianças estão comumente relacionadas, no ambiente escolar “a sobreposição de diversos fatores de risco, como pobreza, conflitos familiares, violência, maus tratos familiares, dentre outros.” (p.13). Neves e Talim (2009) em trabalho realizado sobre o interesse dos estudantes pelas ciências, consideram que os desejos e preferências de estudantes podem estar correlacionados positiva ou negativamente a fatores ambientais, emocionais e biológicos. Bem como, a fatores relativos a motivação extrínseca e intrínseca e a interação entre os alunos e professores.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) divulgou dados sobre o fluxo escolar na educação básica. Os números de evasão escolar e migração do ensino regular para a educação de jovens e adultos (EJA), e os de promoção e repetência, analisaram a trajetória do aluno entre dois anos consecutivos. Esses indicadores, relativos ao período de 2007 a 2015, foram apresentados no decorrer do “Seminário 10 Anos de Metodologia de Coleta de Dados Individualizada dos Censos Educacionais”. A conferência com apresentação dos dados de fluxo escolar foi divulgada pelo portal do MEC.

Os dados mostraram que a migração para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é mais significativa ao final do ensino fundamental, quando chega a 3,2% e 3,1%, no 7º e 8º ano, nesta ordem. Sobre a rede de ensino, a migração é maior na rede municipal dos anos finais do ensino fundamental, quando chega a taxa de 3,8%. Entre 2014 e 2015, o índice de repetência também é alto no 6º ano do ensino fundamental, com taxas de 14,4% de repetência.

As informações revelam que, em todos os períodos de ensino, houve um decaimento gradual na evasão escolar de 2007 a 2013, porém o comportamento se modifica em 2014, quando os índices crescem. A evasão é maior nas escolas rurais, em

todos os estágios do ensino.

Os professores têm um papel muito importante para amenizar essas dificuldades a serem vencidas. Entretanto, boa parte deles não percebem que podem influenciar nesse problema de maneira significativa, mesmo sem notar (MATTOS, 2005). A primeira constatação a que nos leva este caso é a grande intolerância das professoras com relação às diferenças individuais dos alunos. Tudo se passa como se todos os alunos e alunas devessem aprender no mesmo ritmo. De acordo com Mayer, Paula, Santos e Araújo (2013, p.3)

É importante que o professor de ciências naturais traga métodos alternativos para que haja maior interação do aluno com as aulas. Que o professor seja capaz de suprir algum tipo de dificuldade que o aluno possa vir a ter em relação aos conteúdos. Esperando que tenham um melhor desempenho, podendo observar no seu dia a dia a importância da ciência.

Em diversos momentos, a atenção às dificuldades no aprendizado é voltada apenas para os alunos, sempre procurando razões para justificar esse problema, como por exemplo, quando recorrem a queixas de problemas psicológicos, psiquiátricos, psicopedagogos, entre outros. Sem certezas nesses diagnósticos negligentes, simplesmente transmitem esses problemas para outros profissionais, afastando suas responsabilidades (MATTOS, 2005).

No entanto, dificilmente os professores assumem o seu papel de importância e responsabilidade quando questionados se têm alguma parcela de erro nas suas práticas em sala de aula, podendo ser a sua forma de ensinar que não estimule a atração dos alunos nas aulas ou até a falta de didática em certos momentos (MATTOS, 2005). Para o autor, raros são os professores que falam de suas deficiências e o discurso recai sempre nos problemas encontrados entre os alunos.

Nesse contexto, Damásio e Peduzzi (2015) que discutem a *Teoria da Aprendizagem Significativa Crítica* sugerem uma série de princípios facilitadores, citados a seguir, para se construir um ambiente onde o aluno possa desenvolver “uma

cidadania mais consciente e atuante ao favorecer uma melhor compreensão sobre a natureza da ciência e sobre a construção do conhecimento científico (p. 62).” Possibilitando as pessoas estarem preparadas para viver na contemporaneidade e encorajando a juventude a ser questionadora, contestadora e contestar de qualquer setor da sociedade em que vivem.

- 1) Princípio do conhecimento prévio;
- 2) Princípio da interação social e do questionamento por meio do ensinar/aprender perguntas ao invés de respostas;
- 3) Princípio da não centralidade do livro de texto;
- 4) Princípio do aprendiz como perceptor/representador;
- 5) Princípio do conhecimento como linguagem;
- 6) Princípio da consciência semântica;
- 7) Princípio da aprendizagem pelo erro;
- 8) Princípio da desaprendizagem;
- 9) Princípio da incerteza do conhecimento;
- 10) Princípio da não utilização do quadro-de-giz/da participação ativa do aluno/da diversidade de estratégias de ensino;
- 11) Princípio do abandono da narrativa. (DAMÁSIO; PEDUZZI, 2015, p 64)

Portanto, acreditamos na importância do professor para propiciar esse ambiente, baseado nesses princípios facilitadores da aprendizagem e despertar o interesse dos alunos pelas ciências. Nesse sentido, é importante que busquemos compreender o interesse pelas ciências e que esse pode ser despertado nos estudantes que é uma das principais motivações que influencia o aprendizado e a conquista.

À medida que o interesse dos indivíduos se desenvolve por uma determinada área, as sensações são acompanhadas por componentes cognitivos em desenvolvimento e, quando esse interesse se tornar uma predisposição, o componente cognitivo estará bem desenvolvido (NEVES; TALIM, 2009)

Rezende et al (2012) os professores de Ciências têm o desafio de estarem atualizados sobre os avanços científicos e tecnológicos que estão em nosso cotidiano. Bem como, introduzir e ensinar esses assuntos utilizando uma metodologia didática que favoreça a aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, pesquisas tem indicado que o ensino de botânica atualmente é realizado “por meio de listas de nomes científicos e de palavras totalmente isoladas da realidade, usadas para definir conceitos que

possivelmente nem ao menos podem ser compreendidos pelos alunos e pelos professores” (STANSKI et al, 2016, p. 20). Os autores destacam a necessidade de desenvolvimentos de metodologia alternativas de ensino, a fim de propiciar uma aprendizagem significativa dos conteúdos.

Metodologia

O método utilizado nessa pesquisa foi o qualitativo, sendo que a pesquisa qualitativa se atenta aos fatores que não podem ser contados numericamente, salientando principalmente no entendimento e esclarecimento dos procedimentos e resultados da pesquisa. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 32)

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Como instrumento de pesquisa foi utilizado uma entrevista estruturada com questões abertas (Apêndice 1) que foi realizada com uma professora de Ciências Naturais do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Planatina-DF, identificada nessa pesquisa como Professora Colaboradora, e foi utilizado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Em um segundo momento também foram entrevistados 30 estudantes de uma mesma turma, na qual a professora colaborada lecionava. Os alunos foram entrevistados individualmente pela pesquisadora. As entrevistas foram norteadas com base em um questionário apoiado no trabalho “*A Coerência e Complementaridade entre a Teoria da Aprendizagem Significativa Crítica e a Epistemologia de Paul Feyerabend*”.

Resultados e Discussões

- **Metodologias utilizadas pela professora**

Na entrevista com a professora Colaboradora, que é formada em Ciências Naturais pela Universidade UnB de Planaltina, ela afirmou que é muito importante fazer uma apresentação prévia do conteúdo com os alunos antes da discussão em sala. De acordo com a professora, o ensino de ciências é um pouco abstrato, assim sendo, a todo o momento ela tenta trazer uma apresentação de conteúdo próxima a realidade cotidiana dos alunos. Esse relato da professora está de acordo com as pesquisas no ensino de ciências (DAMASIO: PEDUZZI, 2015) que orientam que é importante que o professor considere aquilo que o estudante já sabe, pois isso é um fator significativo que afeta a aprendizagem.

A professora também declarou que considera relevante fazer aulas investigativas para aproximar os alunos dos conteúdos tratados em sala, já que dessa forma eles também trazem experiências vividas para o contexto abordado na aula. Do mesmo modo, ela diz que sempre que possível consegue estabelecer diálogo com os alunos acerca de conteúdos novos, porém, alguns diálogos são mais trabalhosos de se estabelecer, devido à falta de conhecimento prévio por parte dos alunos sobre alguns temas. Dessa forma, a professora admite que, sempre tenta explorar o conhecimento prévio dos alunos em suas aulas. Damasio e Peduzzi (2015) salientam que as formulações de perguntas são responsáveis pela produção de novos conhecimentos. Que é importante ensinarmos utilizando perguntas ao invés de respostas. Portanto, a escola poderia contribuir para a

criação de um ambiente onde fosse possível o constante questionamento, onde os estudantes pudessem compreender que não existe uma única resposta para uma pergunta. Pois as respostas para as questões dependem do contexto na qual essa está inserida.

Uma grande contribuição da educação será a de que, uma vez que se tenha aprendido a fazer perguntas, substanciais, relevantes e apropriadas, se terá como possível consequência o aprendizado do processo de aprender. Desta forma, as pessoas não poderão ser impedidas de aprender sobre aquilo que lhes interessar ou que necessitar. A arte de fazer perguntas, no entanto, não é ensinada na escola, e pior, é desencorajada (DAMASIO; PEDUZZI, 2015, p.4)

Assim, podemos notar que as aulas da professora seguem segundo o que foi dito por ela, uma perspectiva semelhante a proposta pelos autores citados anteriormente, o que pode proporcionar o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa crítica com seus alunos.

- **Instrumentos Didáticos**

A professora colaboradora reitera que, além do livro ela utiliza outros instrumentos didáticos, como vídeos, imagens e modelos, visto que, ela considera importante outros instrumentos além do livro para diversificar suas aulas. Nesse ponto, relacionamos mais uma vez um dos onze princípios da “Teoria da Aprendizagem Significativa Crítica” que aborda a *não centralidade do livro de texto*. Nesse sentido, Damasio e Peduzzi (2015) argumentam sobre a importância de utilizarmos uma diversidade de recurso didáticos e, entre esses, também precisam estar presentes os livros didáticos.

- **Livro**

Ao perguntamos se ela, a professora colaboradora, questionava os conteúdos do livro utilizado em sala, a professora alegou que sim; sempre tenta complementar os

conteúdos presentes no livro. Ela relatou muitas vezes abordar assuntos que não são presentes no livro didático que utilizavam e alegou não gostar do livro oferecido pela escola.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) sugerem que o professor empregue, além do livro didático, materiais diversos (jornais, revistas, computadores, filmes, etc), na qualidade de fonte de conhecimento, de modo a incrementar a abordagem dos conteúdos e promover a aprendizagem dos alunos.

- **Dificuldades dos alunos**

A professora Colaboradora aponta, em sua opinião, algumas das maiores dificuldades para o aprendizado de ciências por parte dos alunos. De acordo com sua argumentação, seria devido à falta de atenção dos alunos. Nesse sentido, ela considera muito importante a utilização de vários recursos didáticos para ministrar suas aulas; na tentativa de prender a atenção dos alunos e tornar a aula significativa. Nesse ponto, observamos que a professora é consciente da importância de seu papel na aprendizagem dos alunos. Mattos (2005), discute que são raros os professores que falam de suas deficiências e relacionam os problemas encontrados somente aos alunos.

- **Eventos de Ciências na escola**

Ela também afirma que a escola não promove eventos sobre ciências e isso poderia ser mais um ponto que desmotivaria a vontade dos alunos por aprenderem ciências. Essa afirmação está de acordo com Mayer, Paula, Santos e Araújo (2013, p.3) que consideram que o professor de ciências naturais precisa utilizar de métodos alternativos para que haja maior interação do aluno com as aulas.

- **Melhorias para o ensino**

Em seguida, a professora sugere algumas mudanças que poderiam ser feitas para auxiliar a aprendizagem dos alunos em relação ao ensino de ciências, e declara que entre esses pontos estão: o incentivo aos alunos, além da disponibilização de materiais e local adequado para as aulas diversificadas, como um laboratório, e também a conservação e manutenção desse local.

- **Apreço pela profissão**

Por fim, a professora declara que apesar de todas as dificuldades ela se sente muito feliz e realizada em sua profissão.

A seguir será discutida a entrevista realizada com os 30 estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental, sendo todos de uma mesma turma. Os alunos tinham idade entre 12 e 14 anos, pois nesta escola alunos acima de 14 anos são encaminhados à Aceleração. Este fato está de acordo com a *LDBE - Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996* que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Art. 24. V - b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar.

- **Apreciam**

Durante as entrevistas, uma das questões buscou conhecer o que os alunos participantes mais gostavam nas aulas de ciências e 56,7% comunicaram que eram os conteúdos da disciplina, dentre eles foram citados conteúdos de Botânica, Zoologia e conteúdos de ciências em geral. Enquanto, 20% dos alunos declararam que o que mais gostavam nas aulas era a professora e 23,3% dos alunos afirmou que gostavam de ler, gostavam das dinâmicas realizadas nas aulas, fazer trabalhos, desenhar, gostavam também das idas ao laboratório, entre outros. Estudos realizado por Oliveira e Paranhos, (2017) e por Stinski (2016) revelam que os alunos têm muita dificuldade de aprenderem

os conteúdos de Zoologia e de Botânica, afirmando sobre a necessidade dos professores utilizarem recursos diversificados para ensinarem esses conteúdos. Nesse caso, desse estudo que realizamos, acreditamos que os alunos não relataram apresentarem ter dificuldades com esses conteúdos devido ao fato da professora colaboradora utilizar recurso diversificados em suas aulas.

- **Desapreciam**

Quando foram questionados sobre o que menos gostavam nas aulas de ciências, 36,7% dos alunos afirmaram que não havia nada que não gostassem, 26,7% dos alunos expôs que o que menos gostavam era o excesso de atividades e conteúdos, 36,6% dos alunos mencionaram alguns conteúdos de ciências em específico como evolução dos seres vivos, universo, zoologia, entre outros, dentre eles alguns alunos também relataram sobre a bagunça nas aulas e a falta de materiais didáticos diferentes.

- **Expectativas**

Quando foram perguntados sobre como gostariam que fossem as aulas de ciências, 33,3% dos alunos comunicaram que gostariam que houvesse mais utilização de materiais didáticos diferentes, 26,7% declararam que não mudariam nada e 40% dos alunos afirmaram que gostariam de ter mais aulas investigativas dialógicas, mais disciplina dos colegas, mais aulas de laboratório, etc.

Segundo Damasio e Peduzzi (2015, p.5) “O princípio da Teoria da Aprendizagem Significativa Crítica sugere que se utilize uma diversidade de materiais instrucionais, que incluem o livro de texto”. Assim sendo, podemos perceber o estímulo para a utilização de materiais didáticos diferentes além do livro, dessa maneira podendo melhorar a qualidade do ensino além de ser um anseio dos alunos para incrementar e aprimorar as aulas.

- **Aprendizado e Dificuldades**

No momento em que os alunos foram questionados se conseguiam entender os conteúdos de ciências explicados pela professora, 53,3% dos alunos afirmou que sim, enquanto 46,7% dos alunos expôs que entendiam mais ou menos. Ao serem perguntados sobre qual seria a maior dificuldade para aprender ciências, 40% dos alunos admitiram ser a falta de atenção nas aulas, 36,7% dos alunos relataram que não tinham dificuldades para aprender ciências, 23,3% dos alunos mencionaram que não conseguiam memorizar tudo, conversa paralela dos colegas, preguiça, entre outros. Frison, Vianna e Ribas (2012, p. 1) em pesquisa realizada apontou que fatores como “indisciplina, propostas de ensino com metodologias inadequadas e o estabelecimento de relações em sala de aula bastante comprometidas” podem comprometer a aprendizagem das ciências.

À vista disso, podemos perceber que grande parte dos alunos estão coerentes com a resposta da professora, ao dizerem que a maior dificuldade para aprender ciências, seria a falta de atenção deles na aula.

Se os professores atuarem considerando seus alunos autores de significados em vez de receptores de conteúdo, eles propiciarão um ambiente escolar centrado no estudante. Atualmente, as escolas atuam como se o conhecimento estivesse fora do aprendiz; mas o conhecimento é aquilo que se sabe depois que se aprendeu é uma consequência da percepção do aluno. Ele é tão subjetivo e ímpar quanto qualquer outra percepção (DAMASIO, PEDUZZI, 2015, p.5).

- **Instrumentos Didáticos**

Quando foram perguntados se utilizavam muito o livro didático nas aulas, 60% dos alunos afirmaram que sim, 33,3% disseram que mais ou menos e 6,7% expressaram que não. Sobre gostar do livro didático, 76,7% dos alunos afirmaram que sim, 16,7% disseram que mais ou menos e 6,7% comunicaram que não. Em relação à professora utilizar outros materiais além do livro em suas aulas, 66,7% dos alunos afirmaram que sim e citaram o

laboratório, material impresso, livros paradidáticos e amostras, 33,3% dos alunos declararam que a professora não utiliza outros materiais.

- **Compreensão de mundo através da Ciência**

Quando questionados se as aulas de ciências ajudavam a compreender o mundo, 96,7% dos alunos afirmaram que sim e citaram o surgimento dos planetas, a origem da vida na Terra, preservação do meio ambiente, evolução dos seres vivos, reprodução das plantas, entre outros, 3,3% dos alunos afirmaram que sim, porém não conseguiram explicar de que forma as aulas de ciências contribuem.

Desse modo, podemos notar que o ensino de e sobre ciências está de fato sendo atingido de certa forma, já que se os alunos não sabem de que forma as ciências podem contribuir em suas vidas, o objetivo não está sendo alcançado. Visto que, a quase totalidade dos alunos entrevistados admite que as Ciências Naturais os ajudam a compreender o mundo, tendo assim uma aprendizagem significativa.

Por fim, observamos pela fala dos alunos participantes que 100% afirmaram se sentir bem nas aulas de ciências. Acreditamos que isso se deva principalmente as interações sociais que ocorrem entre eles e a professora colaboradora. Quando as interações professor-aluno são positivas e vivenciadas de uma forma prazerosa, torna-se possível despertar e manter o interesse dos alunos pela escola, assim “a escola passa a ser o lugar onde a intervenção pedagógica intencional desencadeia o processo ensino e aprendizagem” (FRISON, VIANNA, RIBAS, 2012, p. 1)

Considerações Finais

Foi observado ao longo da pesquisa, que o fato dos alunos gostarem de Ciências Naturais, pode estar relacionado a fato de gostarem da professora colaboradora. Isto, possivelmente afeta esse interesse pela disciplina. Em contrapartida, o excesso de

atividades e conteúdos abordados são um dos pontos que mais desagradam os estudantes, seguido pela “conversa” nas aulas. Observamos que a professora colaboradora, busca a utilização de materiais didáticos diferentes em aula, já que este é um anseio dos alunos, visto que é uma prática já realizada pela professora. Esta alega sempre que possível utilizar recursos didáticos diversificados em suas aulas, o que é presente também na fala dos próprios alunos, uma vez que, a professora tem a compreensão de que utilizando outros métodos pode despertar o interesse dos estudantes, buscando remediar o desinteresse.

Outro tópico observado na pesquisa foi que os alunos conseguem entender os conteúdos de Ciências, porém a grande dificuldade para aprender Ciências seria a falta de atenção dos mesmos, citado como problema tanto pela professora quanto pelos alunos, havendo uma coerência neste aspecto. Contudo, os alunos afirmaram que as aulas de Ciências auxiliam em sua compreensão de mundo, mostrando assim a contribuição da disciplina em suas vidas.

Assim, acreditamos que essa pesquisa alcançou o seu objetivo de conhecer as principais dificuldades para o interesse de alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental pelas Ciências Naturais de uma escola pública de Planaltina-DF, através das entrevistas constituindo-se como um instrumento adequado para a obtenção dos dados necessários por meio das questões elaboradas. Entretanto, entendemos que esse é um assunto complexo e essa pesquisa foi apenas um recorte que buscou compreender fatores que afetam os interesses dos alunos pelo ensino de Ciências.

Referências Bibliográficas

ABREU, A.R. et al. *Percepção dos Professores de Ciências Sobre o Fracasso Escolar*. 2015. 10p. Universidade Estadual do Ceará, 2015.

BORUCHOVITCH, E. *Estratégias de Aprendizagem e Desempenho Escolar: Considerações para a Prática Educacional Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 12, núm. 2,

1999, p. 15. Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – CIÊNCIAS 1997. Brasília: 1997.

BRASIL, INEP, *Inep divulga dados inéditos sobre fluxo escolar na educação básica*. 2017. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206> Acesso em 30 de mai de 2018.

DAMASIO,F. PEDUZZI,L.O.Q. *A Coerência e Complementaridade Entre a Teoria da Aprendizagem Significativa Crítica e a Epistemologia de Paul Feyerabend*. *Investigações em Ensino de Ciências*. vol 20(3), 2015.

FRISON, M. D.; VIANNA, J.; RIBAS, F. K. Ensino de ciências e aprendizagem escolar: manifestações sobre fatores que interferem no desempenho escolar de estudantes da educação básicas. SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012, Caxias do Sul. Anais ... Caxias do Sul, 2012.

MATTOS, C.I.G. *O Conselho de Classe e a Construção do Fracasso Escolar*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p.216-228, maio 2005.

MAYER, K.C.M. et al. *Dificuldades Encontradas na Disciplina de Ciências Naturais por Alunos do Ensino Fundamental de Escola Pública da Cidade de Redenção-PA*. 2013. 12p. Universidade do Estado do Pará, 2013.

MAZER, S. M.; BELLO, A. C. D.; BAZON, M. R. Dificuldades de Aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores de risco associados. *Psic. da Ed*, São Paulo, v. 28, n. 2, p.7-21, 2009.

NEVES, M. L. R. C; TALIM, S. L. *O interesse de estudantes de ensino fundamental por temas de ciências: um estudo de caso transversal*. **ATAS do VII ENPEC, Florianópolis**, 2009.

PAIVA, W. A. *Educação no Brasil: Contos e Recontos*. *Revista Diálogo Educacional*,

Curitiba, v. 3, n.7, p.29-36, set./dez. 2002.

PEREIRA, M. A. *A Importância do Ensino de Ciências: Aprendizagem Significativa na Superação do Fracasso Escolar*. 2008. 31p. Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), SEED, Estado do Paraná, 2008.

Oliveira, N. C. R.; Paranhos, J. D. N. Ensino de zoologia: percepção de alunos e professores em escola de ensino básico sobre fauna edáfica. *Experiências em Ensino de Ciências* v.12, no.6, 2017.

REZENDE, C. N; SILVA, I. P.; RIBEIRO, M. M. C.; PAIXÃO, J. F. P. VIEIRA, T. S. *Principais motivos pelo pouco interesse no estudo de ciências na concepção de estudantes do oitavo e nono ano do ensino fundamental em escolas estaduais de Araguatins/TO*. In: **VII CONNEPI-Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação**. 2012.

SOUSA, S. Z. *Avaliação, ciclos e qualidade do Ensino Fundamental: uma relação a ser construída*. *estudos avançados*, v. 21, n. 60, p. 27-44, 2007.

STANSKI, C., LUZ, C. F. P., RODRIGUES, A. R. F.; NOGUEIRA, M. K. F. D. S. Botanical teaching at the Elementary School: studying the pollen through multimodes. *Hoehnea*, 43(1), 19-26, 2016.

Apêndice 1

Entrevista para o professor:

1. Para você, é importante haver uma apresentação prévia do conteúdo antes da discussão em sala? Por que?
2. Você considera interessante uma aula investigativa, por meio de questionamentos aos alunos antes de iniciar um conteúdo? Explique, em caso afirmativo como consegue fazer essa prática.

3. Você consegue realizar um diálogo com os alunos quando está ensinando um conteúdo novo?
4. Em suas aulas você explora o conhecimento prévio dos alunos para discutir os conteúdos? Dê exemplos.
5. Quais outros instrumentos didáticos você utiliza além do livro?
6. Você acha relevante a utilização de outros instrumentos didáticos? Quais?
7. Você costuma questionar os conteúdos apresentados pelos livros?
8. Você gosta do livro que utiliza?
9. Para você quais são as principais dificuldades dos alunos para aprenderem ciências?
10. A escola promove eventos sobre Ciências?
11. Em sua opinião quais mudanças poderiam ser feitas para auxiliar a aprendizagem dos alunos em relação ao ensino de ciências?
12. Você se sente bem como professor?

Entrevista para os Alunos:

1. O que você mais gosta das aulas de ciências?
2. O que você menos gosta das aulas de ciências?
3. Como você gostaria que as aulas de ciências fossem?
4. Você consegue entender os conteúdos de ciências que a professora explica?

5. Qual a sua principal dificuldade para aprender ciências?
6. Vocês usam muito o livro didático nas aulas?
7. Você gosta do livro didático?
8. O(a) professor(a) utiliza outros materiais além do livro para ensinar em suas aulas?
9. Para você as aulas de ciências te ajudam a compreender o mundo? Explique?
10. Você se sente bem nas aulas de ciências?